



Defesa de Espinho

SEMANÁRIO REGIONAL NACIONALISTA

A. Comissão de Turismo

ESPINHO

SÁBADO

29

Novembro - 1969

N.º 1965

Ano XVIII Séc. VII

(AVENÇADO)

Publicado pela C. de Cultura

Redacção e Administração: RUA 19 N.º 62 - ESPINHO
Telefones, 920118 (p. a.) e 920187 (Residência do Director)

DIRECTOR EDITOR E PROPRIETÁRIO

BENJAMIM DA COSTA DIAS

Administrador: M. BRAGA DIAS
Comp. e Imp. na Tipografia Espinhense - Rua 14 - Tel. 92 11 80

VOZ DO POVO

TURISMO

Reuniu pela primeira vez, na terça-feira da semana decorrente, a nova Assembleia Nacional para início dos trabalhos relativos ao ciclo de quatro anos, que é a duração desta X Legislatura que ora começa.

A expectativa é cheia de interesse, talvez mais que das outras nove legislaturas, exactamente porque a Nação atravessa um período cheio de uma esperança renascida, totalmente voltada para os grandes eventos.

Cada um dos seus membros, isto é, cada deputado representa uma partícula da sua região, sintetizando as suas aspirações e necessidades, com procura dada pelos eleitores para levantar bem alto o pendão dos problemas de cada uma delas.

É bem pesada a tarefa que acaba de recair sobre os ombros dos ilustres homens que representam o povo numa das mais altas hierarquias do país; mas, nem por isso essas qualificadas individualidades deixarão de actuar com firmeza e decisão, honestidade e probidade, como eheios de entusiasmo e alegria.

Sim, com alegria, entusiasmo e devoção, deve ser a característica mais válida do diálogo que está aberto há poucas horas, para levar ao Poder Central as reivindicações mais legítimas da

Nação que representam, nos mais diversos domínios da sua estrutura económica, social e moral.

Ha tanto que levar de abalada até à Capital; tanto que dizer e salientar; imensa quantidade de problemas relacionados com a vida rural e a do mar, a emigração, as estradas e caminhos, as praias e termas, o turismo, palavra sedutora da actualidade, o comércio e a indústria, muitos destes em cadeia, porque, intimamente ligados na sua essência natural e objectiva.

por MARTINS GOMES

Quem nos ler poderá julgar que desconhecemos o espirito resolutivo do Governo em procurar a meta para a solução desses mesmos problemas e que até alguns deles estão na agenda das realizações imediatas, como sequência lógica de uma acção governativa que nos merece inteiro louvor.

Não, não os desconhecemos, por que, cumprindo um dever, acompanhamos tanto quanto nos é possível, a laboriosa actividade dos ministros e do seu eminente chefe, Prof. Doutor Marcelo Caetano, no desempenho das altas funções para que foram chamados.

Todavia porém, tal não invalida a missão dos de-

putados, ao apresentarem e discutirem problemas, como a sugerir o que lhes pareça o melhor caminho, numa forma construtiva de colaborar, como traço de união entre o Governo e o Povo!

Naturalmente que, para assim suceder, será indispensável que haja contactos directos, feitos discretamente sem pompas, para ouvir e ver, apalpar com os pés e com as mãos a dureza dos caminhos pedregosos e as calosidades feitas pelas armas do trabalho, na dura faina da terra e do mar. No remover das leivas para o amanhã da gleba, como na recolha rude e perigosa das redes, quantas vezes sem conteúdo compensador!

Cada deputado é um procurador dos concidadãos da sua região, um mandatário ao serviço dos interesses regionais, em luta ardorosa, mas leal, pela valorização dos reais interesses em jogo.

Eis porque a Nação inteira, deposita as mais fundadas esperanças na actual Legislatura, nascida sob o signo da Fé, recalçada nas páginas gloriosas e imortais da nossa História, guiada por portugueses dos mais qualificados, com capacidade bastante para enfrentar as perspectivas que se antolham, de um futuro promissor para Portugal; de paz e felicidade para todos os portugueses!

Não pode sofrer qualquer dúvida que o Século XX trouxe muitos benefícios ao Mundo, embora lhe trouxesse, também, grandes males.

No entanto, há que considerar que, embora pareça um total paradoxo, esses benefícios vieram em resultado dos grandes males.

As guerras, com todas as suas tragédias, transformaram inteiramente a face da terra, quer no lado material, quer pelas relações entre os indivíduos, igualando os homens e permitindo que todos pudessem gozar as delícias de viver.

O que era vedado ao pobre ou mesmo ao remediado, tornou-se possível com o progresso, com os meios de comunicação mais modernos e acessíveis, elevando um nível de vida que teimosamente se quedava no princípio.

Aos morosos transportes de cavalos sucedeu o caminho de ferro e a este sobrepôs-se, soberanamente, o automóvel.

Em outros tempos, quase se não conhecia mais que duas ou três léguas ao redor da própria terra, quando se demandava a feira de ano, que era, em muitos casos, a única festa além da padroeira da freguesia.

Hoje é muito raro que se encontre alguém, por muito modesto que seja, que não conheça a maior parte do seu próprio País e mesmo alguma coisa do Estrangeiro.

Tudo se simplificou e se tornou fácil e faz-se um passeio de mil quilómetros com a mesma facilidade que, em outros tempos, se ia à feira anual.

Para tanto concorreram as estradas, que em boa hora o Governo da Nação tem colocado em grande plano, construindo, reconstruindo e melhorando.

O que é certo é que tem sido altamente beneficiadas as terras com bons acessos, mais procuradas por todos aqueles que querem passear e conhecer.

Espinho, e com muita tristeza o di-

zemos, tem sido bastante abandonada nesse ponto, quer nas estradas que, quase à nossa vista, não tiveram seguimento, que na ligação à Granja, que se pede há 80 anos ainda não se tenha feito.

No entanto, como não há nada que se não acabe, vem até nós o ilustre titular dos Obras Públicas e dele se espera a última palavra para a solução do problema.

Já vários projectos foram tirados para esta Avenida, com todos os pormenores, mas ficaram por realizar, embora com a promessa, de quem o poderia ter feito, de que tudo se começaria dentro em muito pouco tempo.

Tudo levou volta e tudo ficou como estava, relegando Espinho para um plano absolutamente secundário, mas a nossa terra, na certeza de quem quer vencer, esperou e há-de conseguir.

Espinho mostrou que sabe reconhecer os benefícios que tem recebido, colocando-se, sem qualquer dúvida, ao lado dos seus governantes.

Nada pediu para isso, antes confiou plenamente na justiça de ser compreendida a sua gente nas suas maiores necessidades.

Grande compromisso tomaram os que, à frente dos destinos de Espinho, pediram à terra a melhor das compreensões. Chamaram a si a responsabilidade do futuro e temos a certeza de que se não poderão arrepender, quer pelo agradecimento do seu povo, quer pelo auxílio dos poderes centrais.

A estrada 109 torna-se de grande necessidade para Espinho, para o seu progresso e para o seu Turismo, acompanhando a Avenida para a Granja, que será, sem dúvida, um grande cartaz para a nossa terra.

Visita Espinho o ilustre titular das Obras Públicas.

Há-de compreender-nos, porque temos razão.

Grandes Melhoramentos

Vão começar as obras no quarteirão onde esteve o Bazar Universal e ainda o Rink de Patinagem.

Enquadrado na futura urbanização da beira mar, conjugada com o Hotel turismo e a Piscina, não se pode duvidar do quanto virá a beneficiar aquele local, num ambiente verdadeiramente moderno e atraente.

Além de ajardinamentos, onde serão construídos motivos de água e belos canteiros, teremos um Bar-Restaurante para serviço do Público, além das instalações para o Turismo, que finalmente se verão colocadas no seu local próprio e definitivo.

Espera-se que as obras estejam prontas dentro de seis meses, de maneira a que a nossa praia, na próxima época, possa mostrar aos nossos veraneantes, a quem será oferecido algo de novo e muito atraente.

É possível que este ano funcione o Hotel de Turismo, para o que muito se têm adiantado as obras, num ritmo sempre crescente.

A beneficiação da Piscina, que se deverá realizar em breve, tem merecido o maior cuidado do nosso Turismo, que tem encontrado, da parte das entidades superiores o maior interesse.

Esperemos que o ano que vem nos traga boas novas, não só em tudo quanto seja possível fazer-se, mas abrindo um verdadeiro caminho a uma gran-

Ministro das Obras Públicas

Nos princípios do próximo mês de Dezembro, desloca-se a Espinho o titular do Ministério das Obras Públicas, a quem serão expostos os problemas de Espinho, alguns em curso e os outros à espera de realização.

Nomeadamente, aquele Membro do Governo considerará a construção de um edifício para o Liceu, bem como outro para o Ciclo Preparatório do Ensino Secundário, a passagem inferior do Caminho de Ferro, na Rua 19, e Avenida de Espinho à Granja, a remodelação da Piscina e as Obras de Defesa do Mar.

Pelos assuntos que vão ser tratados e do muito que eles representam para Espinho, será de grande importância esta visita, que virá a abrir novos horizontes à expansão de Espinho e ao seu crescimento no âmbito turístico.

É com maior prazer que anunciamos mais uma prova de carinho que os nossos governantes têm por Espinho, que muito merece, se bem que nem sempre tenha encontrado quem a compreenda, o que parece que está definitivamente compensado com o carinho que, dia a dia, vamos recebendo.

de terra, muito à beira do título de cidade, que bem merece, e da justiça de problemas há muito tempo pendentes e que ainda não puderam ser resolvidos,

MANUEL LARANJEIRA (Neto)



A «Defesa de Espinho», da qual ele foi um dos mais brilhantes, esclarecidos e dedicados colaboradores de sempre, não podia ficar indiferente, na hora em que se vai prestar ao saudoso Manuel Laranjeira uma homenagem póstuma, na ocasião em que ocorre o 1.º aniversário da morte que, traiçoeiramente, lá longe, em terras do Brasil amigo, trágicamente o levou do convívio de todos quantos lhe queriam, dos que, com sinceridade, eram seus amigos e admiradores incondicionais, impedindo-o de prosseguir na rota luminosa que havia traçado, para marcar a sua passagem pelo reino humano.

Assim, «Defesa de Espinho» associa-se com o maior orgulho a essa manifestação justíssima, dedicando uma das suas páginas a Manuel Laranjeira, certa de que cumpre uma obrigação que lhe é ditada não só pela circunstância de ele ter sido seu ilustre colaborador, como, também pelo facto de, na posição de Jornal de Espinho e para Espinho, ter de estar presente quando se trata de homenagear póstumamente um dos filhos dilectos da nossa terra.

MANUEL LARANJEIRA - UMA PERMANENTE SAUDADE

EFEMÉRIDE

Já lá vai um ano. O destino, finalmente, acabava de vencer Manuel Laranjeira. Aquele corpo franzino que, sem se saber como, albergava uma alma enorme, um carácter grandioso, uma inteligência tamanha, não lograra triunfar na última partida da luta que, desde sempre, travara com esse tão caprichoso destino.

Traícoeramente, foi-lhe armada uma cilada numa estrada do Brasil, essa terra amiga que o acolhera e onde, durante alguns anos, pôde mostrar-nos o Homem íntegro que era, o valor humano — social e intelectual — que possuía, a sua indefectível qualidade de bom português, o seu acendrado amor a Espinho, a terra que o viu nascer.

A notícia chegou-nos de forma brutal, através de um telefonema de comum amigo, era categórica, não deixava esperanças, apenas não queríamos acreditar em tão tremenda injustiça, em tão torpe vingança, do destino contra alguém que, até então, apesar da luta ser tantas vezes demasiado violenta e inglória, o levava sempre de vencida.

Manuel Laranjeira vinha subindo, sensacional e vertiginosamente, em todos os sectores da vida, prometendo atingir culminâncias só ao alcance dos eleitos, sem nunca olvidar o seu país, a sua terra, dando uma lição a todos aqueles que, professando a maldade e a insídia, pois a mais não chega a sua mentalidade tacanha, o obrigaram a partir, para cumprir lá de longe uma missão importante é certo, mas deixando cá uma lacuna enorme, porquanto va-

lores do seu jaez não pululam por aí.

Na sua peculiar modéstia, apenas à sua custa, soube impor-se por força do seu valor próprio, sem necessitar de empurrões, de tal sorte que só após a sua morte se avalia a falta imensa que faz, o vazio enorme que deixou, e se tem vindo a cometer a justiça que se lhe negou em vida, de o considerar aquilo que sempre foi: um extraordinário valor que a sociedade perdeu.

E Manuel Laranjeira acreditava na vida, no futuro, talvez confiado que o destino o deixaria de vez sossegar como há tanto merecia, pois nunca nada de grave fizera para ser alvo de tão grande punição. Talvez, por isso, as palavras com que fechava a sua última AGUARELA LUSO BRASILEIRA enviada à «Defesa de Espinho», que se publicou já depois da sua morte, no jornal que saiu em 7 de Dezembro de 1968 e que passamos a transcrever: «E o Natal, mais dois passos e está por aí. E eu preparo-me, como todos os anos, para sofrer no exílio voluntário que me impus, o «Réveillon da Saudade» com que costume iniciar o ano neste jornal. Se não for antes até lá e um bom Natal para todos.»

Não foi até lá, foi até nunca, porém Manuel Laranjeira constituiu UMA PERMANENTE SAUDADE para os teus leais amigos, para os teus dedicados admiradores, para os teus fiéis leitores, e isso só o conseguem os eleitos.

Carlos Sárria

MANUEL LARANJEIRA (Neto)

EM PROSA E VERSO — Uma Explicação

Por JAIME DA SILVA

Porquê um livro póstumo, primeiro e talvez único, na carreira de poeta e escritor de Manuel Laranjeira (Neto)? Muitos pensaram que a iniciativa não tem cabimento, que os manuscritos, se fossem de valor, já teriam sido publicados antes, por conta e risco de alguma casa editora. Para esses, não há explicação. A leitura da obra vai surpreendê-los, pois, ela justifica-se por si mesma.

Para quem esperou este livro, para esses sim, há uma explicação a dar.

Manuel Marques Laranjeira, neto do Dr. Manuel Laranjeira que ele venerava, foi escritor e poeta nato. Nasceu em Espinho, a 19 de Janeiro de 1936, para fazer parte de uma família harmoniosa, na companhia de uma irmã e dos pais. Nada fazia prever, então, o número de obstáculos e de responsabilidades que se amontoariam, desde cedo, à sua frente. Ainda de tenra idade, ficou orfão de pai. Estudou enquanto pôde. E aos 16 anos, já teria de ingressar no mercado de trabalho. Obrigava-o a responsabilidade de ter de promover o sustento da família e, mais do que isso, ter de custear o tratamento da irmã que, infelizmente, viria a falecer, após longa e inelutável doença.

A luta continuou, já que as responsabilidades se mantiveram. Até que um dia o lutador fraquejou, não por falta de ímpeto ou de vontade, mas por mór de doença que o levaria ao sanatório. Felizmente, desta vez, o espírito forte venceu o obstáculo. E o retorno marcou o encontro, de novo, com as responsabilidades, as mesmas que o fizeram sempre preocupar no dia-a-dia comercial-administrativo a forma mais prática de, mensalmente, garantir o seu sustento e um nível de vida digno.

Entretanto, Manuel Laranjeira mantinha-se, no íntimo, escritor e poeta. Enriquecera-se pela leitura e pelo

contacto diário com os amigos, colegas, patrões, familiares e co-sofredores da mesma doença. Um dos traços mais fortes da sua personalidade era justamente a intensa necessidade de partilhar com os outros os problemas comuns. «Não tenho temperamento para me entregar apenas ao meu caso pessoal» — escreveria ele, ainda no sanatório. E, internado, tirou um curso de enfermagem, para se sentir útil, para ajudar os outros a convalescer ou a suportar a morte.

A um canto, na gaveta, os originais iam amontoando-se. Os de maior fôlego, acarinhadados, melhorados a cada nova leitura.

Até que surgiu a oportunidade de ingressar no jornalismo, uma maneira mais acessível de ver em letra de forma ideias e pensamentos, mas longe ainda de facilitar a publicação de manuscritos em livro.

(No «Notícias de Vila da Feira», no «Defesa de Espinho», no «Norte Despertivo», do Porto, no «Diário Ilustrado», de Lisboa, na revista «Oliveira», um pouco por toda a parte, começaram a brotar os versos e a prosa de Manuel Laranjeira. Os seus discursos e as suas cartas foram escutados e recebidos por um público restrito, mas irresistivelmente conquistado e maravilhado.

Com o seu espírito público, a sua pujança, a sua inteligência — não admira que tenham surgido, também, os adversários. Nas colunas dos jornais, onde ninguém podia adivinhar o corpo franzino de Manuel Laranjeira, as palavras pareciam emanar de um gigante, de vozearão forte e completa aterradora. A realidade, porém, era diferente. E para que a situação não se deteriorasse por completo, prejudicando o que dele dependiam, a solução apareceu pela mão de um grande amigo que o trouxe para o

Mágoa

(A todos os que nesta noite, longe da família, exilados pela doença, tiveram como eu um Natal de solidão).

*Mágoa
que emerges da noite como uma obsessão
sem fim
mágoa
que vens visitar-me envolta em sombra...*

*— Deixa que eu recorde, só, na solidão
povoada em que me encontro
o fatalismo trágico da hora que passa...*

*Não venhas perturbar o repouso agónico
do meu espírito
não venhas rasgar-me a alma
com recordações que não posso esquecer
não venhas entornar a calma
que se fez em meu redor
— que até os gritos lancinantes do meu íntimo
tem eco —*

*Não venhas com essa suavidade de neve
bater nas vidraças do meu pensamento
que podes acordar a dor e a revolta
que em mim moram*

*Mágoa
que as estrelas acendem nesta noite
sem lua
em que me perdi*

*Mágoa
que oprime pe' los tão humanos como os meus
e cuja dor
na minha dor senti*

*Mágoa
estranha e infinita e insondável,
misteriosa, sádica, obsessora,
e perturbadora*

do silêncio em que me banho agora

*Mágoa
que é dor de sempre e dor de toda a hora*

*Mágoa
que me envolve nas tuas garras sem sentido
mas que ferem num sítio definido*

*o coração
Mágoa
que vens, tenebrosa,
rasgar as águas estagnadas e tranquilas
em que vogo*

*Mágoa
sedução desta noite de paz e amor
universal*

*Mágoa
que me abrasas, que me feres, que me dões*

*Mágoa
que és, na noite, um antónimo dos sóis
que nunca vi brilhar no horizonte*

*Mágoa
que me pesas
e me cavas na fronte*

*esta agonia
Mágoa
que trazes à minh'alma a consciência deste dia
sem igual*

*Mágoa
que vieste gerar poesia como um astro
gera luz para brilhar
Mágoa!...
deita-te comigo
e deixa-me chorar!...*

Natal — Meia Noite
24-12-58

Manuel Laranjeira (Neto)

Brasil.

Foi a volta, também, ao dia-a-dia comercial onde a sua capacidade administrativa admiravelmente sobressaiu.

Os livros — ah! esses! — continuavam no canto da gaveta e na mente, em constante turbilhão criativo. Mais poemas, mais contos, notas de um diário, epístolas: «Escrever, para mim, é uma necessidade fisiológica».

E enquanto o livro ficava para amanhã, porque o tempo era pouco e tinha de ser usado para garantir novas responsabilidades contraiadas, de esposa e filhos — o prolongamento da sua vida — os escritos de Manuel Laranjeira continuavam a brotar em jornais e em revistas, pequenos como convém à Imprensa moderna, mas incisivos e com público certo.

Com 32 anos, ele não tinha pressa. Sabia que, mais tarde ou mais cedo, a oportunidade de ver uma obra sua no prelo iria concretizar-se. Era novo. Podia esperar. E nada perdia com isso, pois, assim, o seu primeiro livro seria mais suculento, mais amadurecido, mais definitivo. Era a vontade de fazer sempre melhor. Era aquele toque de insatisfação que marca os grandes, os verdadeiros espíritos cria-

dores.

Por isso, quando a tragédia nos roubou Manuel Laranjeira, no dia primeiro de Dezembro de 1968, a ideia de reunir num livro uma pequena parte dos seus manuscritos serviu para dar sequência lógica ao trabalho de anos que pavimentou a sua vida de escritor e poeta. Ao mesmo tempo era a homenagem de um grupo de amigos e admiradores que desejavam conservar para a posteridade, sob forma de prático e fácil acesso, a riqueza incomensurável de um espírito nobre e profundamente humano, de uma alma bondosa, de um homem íntegro, completo.

(Do livro «Manuel Laranjeira (Neto) em prosa e verso»).

NOTA — Esta obra de Manuel Laranjeira (Neto), com uma carta do conhecido jornalista e escritor brasileiro David Nasser, será lançada, brevemente, em todo o Norte do país. Poderá ser, desde já, requisitada na Redacção deste jornal. A edição é do autor, ao preço de 60\$00.

AS NOTÍCIAS DOS OUTROS

Eu tenho mortos e deixei-os.
Sómente tu, tu regressas.
— RAINER MARIA RILKE

Pois bem, Manel, falemos de nós — de ti, de mim e dos outros. E que seja com a desfaçatez que te fazia sorrir, animado ainda pela coragem e confiança que tantas vezes cuidavas encontrar nas minhas palavras, autênticas pedradas desferidas contra a tua sensibilidade. Tu eras assim e eu era assado; tu de alma e coração abertos a tudo o que percebesse ser nobre, e eu a rir-me, desbocadamente, dos teus arroubos, das tuas crenças, das tuas dádivas generosas de emoção. Só porque tu estás morto para outros, não me venhas pedir, pois, que te fale de modo diferente; só porque não sei onde estás, não me venhas com a ideia de eu te lembrar como se nunca existisses. Se tu regressas. Ainda a semana passada um camarada meu do jornal chegou junto de mim e, sem dizer palavra, entregou-me o catálogo da exposição do António Joaquin. Não me apercebendo logo da intenção da oferta, agradei convencido de que o opúsculo se destinava a arquivo. Folheei. Depois da capa, umas palavras de apresentação do pintor, escritas pelo Jaime Ferreira; logo a seguir, tu, tu chapadinho, numa reprodução a verde de um quadro que eu julgo ter visto já em qualquer parte. Terá sido na tua casa de Espinho?

Fosse como fosse, o certo é que eras tu que regressavas, tu mais o teu cabelo muito bem apartado, os colarinhos da camisa fora de moda e o inseparável «cache-col» aos quadrados que eu, herético, dizia ser a tua estola. Ora, depois de te ver assim tão composto, outro que fosse sentiria os olhos marejados de água. Mas eu, qual quê! Até me ri e, no íntimo, mandei-te bugiar mais à ideia de teres posado com «cache-col», casaco e camisola de lã. Desculpa, mas não podes negar a falta de gosto.

E depois? Qual é o mal de eu não estar aqui a dar-te notícias de mim como já deixei de ser, ou dos outros que ainda não são como tu bem sabes? Eu gostaria de ter vindo com um ramo de flores nas mãos, mas sei que elas murchariam, antes de te dizer para que eram; eu desejaria não quebrar a religiosidade desta data com a minha irreverência, com as palavras sacrílegas da minha dor, se de outro modo me garantisses que tu, e só tu, me saberias aqui presente.

Por isso, eu prefiro falar-te das viagens à Lua, da «Apolo 12» que acaba de regressar à Terra, do nosso mar sem peixe, do nosso campo sem gente, da nossa vida sem alma e da nossa alma sem aquela vida que tu, sempre idealista, foste procurar tão longe.

E depois? Depois, digo-te como há 10 anos: vamos deixar de sonhar e de pensar que o Mundo acaba amanhã; é urgente não fazer versos à Lua, mas cantar quem lá vai, e arranjar rima para «bip-bip» e coisas assim.

Anda, Manel. Não peças licença e entra na minha intimidade. Já sei que vens de fato azul, casaco de trespasse e calças de vinhos cortantes, agressivos. Não repares na secretária. E' outra bem diferente da que tu me ajudaste a pintar de amarelo e preto. Mas também não sou o mesmo. E' como isto, por cá. Não evoluiu. Os teus e meus semelhantes continuam a doudejar. Só os mortos parecem calmos, tremendamente certos das suas certezas e sem desejos de mudar de vida. Falamos só em guerras e Espaço, como quem fala em boroa. Olha: até a Argentina, que se fartou de inundar o éter com tangos, atirou lá para cima com um macaco. Antes disso, um homem caiu na Lua, sem ser empurrado pela Eva, pela maçã ou pelo pecado. O homem caiu e levantou-se. O mito — mais um — é que ficou por terra.

E nós, velhinho? Nós! Nós continuamos, também, o nosso programa espacial, atirando com a albarda ao ar. Como tu fazias e eu ainda tento fazer.

Ainda que mal aparentado, é um gesto nobre. Não achas, meu poeta dum raio?

Como vês, estou quase morto por dentro; tu, felizmente, continuas a viver por fora de ti mesmo. Compreendes agora por que te dou notícias dos outros? E' que eles dão testemunho de ti. Eu não. Perdoa, Manel.

COSTA CARVALHO

Hoje e amanhã

está de serviço permanente a farmácia

SANTOS

Rua 19

Telef. 920331

MANUEL LARANJEIRA - UMA PERMANENTE SAUDADE

MOMENTO

Entrevistando o pintor

ANTÓNIO JOAQUIM,

que nos fala sobre Manuel Laranjeira

Lia a «Defesa» quando topei com a notícia. O pintor ANTÓNIO JOAQUIM expunha, pintura e desenho, na Associação dos Jornalistas e Homens de Letras do Porto e dedicava essa exposição como homenagem a Manuel Laranjeira.

Por associação de ideias lembrei-me que o Manuel me falara várias vezes deste jovem artista da região feirense, nascido em Travanca, com muita admiração e particular carinho.

Tudo concorria, portanto, para acender em mim o interesse em ver a exposição e, mais, para saber da boca de ANTÓNIO JOAQUIM as razões que o levaram a dedicar uma exposição dos seus trabalhos ao nosso saudoso Laranjeira.

O telefone, esse invento maravilhoso, pôs-nos em contacto com o pintor e, através dele, dei-lhe conta dos meus propósitos, sentindo do lado de lá, e desde logo, uma idolatria do artista pela figura de Manuel Laranjeira, de tal sorte que, sem qualquer dificuldade, aprasamos o encontro, precisamente no salão onde estão expostos os trabalhos, com visível satisfação de ambos, porquanto iríamos recordar um amigo comum e... recordar, como muito bem se diz, é viver.

Quando entrei no salão deparei em lugar de honra, com o retrato do Manuel que, aliás, já conhecia. Não chegamos os meus conhecimentos de pintura para me poder pronunciar, todavia chega a minha sensibilidade, e o meu conhecimento perfeito do Manuel, para poder afirmar que está retratado com fidelidade, com pormenor, com requinte, com um misto de admiração e devoção.

Depois das apresentações da praxe, logo iniciamos a nossa conversa e aí mais se radicou em mim a impressão de que António Joaquim vive, eternamente, saudoso daquele amigo, até porque, segundo ele, foi Manuel Laranjeira que o deu a conhecer aos seus conterrâneos.

Aliás, em cima da pequena mesa que nos separava, jazia um exemplar do extinto «NOTÍCIAS», jornal feirense que o dinamismo e saber, aliados à competência e à notável arte de bem escrever, de Manuel Laranjeira, transformaram num pequeno-grande jornal.

Data de 4 de Abril de 1960 e na primeira página pude ler:

«Valores Regionais, Valores Nacionais»

Escondido na placidez tranquila da sua casa de Travanca, o pintor António Joaquim realiza-se plenamente como artista através dum autodidactismo titânico que merece admiração e aplauso»

Era uma entrevista de Manuel Laranjeira. Não resisti, porém, a transcrever o intróito notável dessa entrevista, naco de prosa que exala o perfume do valor literário de Laranjeira e que tanto impressionou António Joaquim, pois, disse-me ele, o Manuel rabisara aquele bocadinho de ouro com uma impressionante facilidade, como era seu apanágio quando escrevia.

Rezava assim:

«Por que inexorável determinação se nasce artista? Que fenómenos concorrem para que num indivíduo em tudo igual aos outros se formem concêntricas e progressivas ondas de gama artística, revelando em potência uma sensibilidade que a vida às vezes nem entende porque penetra dentro das coisas imutáveis para lhes dar forma, som, cor, vida em suma? Por que é que quando se nasce artista se luta até ao derradeiro instante pela consecução dum ideal de beleza, crucificando-se nele ao fim de um calvário inglório de luta contra as asperezas da existência, contra as frustrações que a ambiência inhóspita é incompreensível, por inferior, se compraz em criar? Porquê! Eis uma interrogação que não poderá já mais passar as barreiras do ainda ignaro entendimento humano. A realidade concreta é que o artista existe, cria-se, é um facto autêntico, uma anomalia embora dentro do ser humano. Mas teremos

nós os homens, o direito de os colocarmos num mundo à margem, negando-lhes, ao menos, a tentativa da nossa compreensão? E teremos o direito de passar ao seu lado sem tentarmos interpretar a sua mensagem, exteriorização dum mundo superior, e sem querermos apreendê-la? Porque há-de a sociedade ingrata, constituída menos por elites que pela vulgar mediocridade dum burguesia de bem com Deus e com o estômago, persistir em dificultar ao máximo a existência já de si dramática do artista? Porque, afinal, o artista é um ser em conflito com o universo, com a sua própria natureza! é um ser que arranca da sua consciente e limitada forma de expressão, pedaços dum subconsciente sublime que há-de situar-se sempre para além fronteiras do limite humano!...»

Mas vou dar a palavra ao entrevistado:

— Regressado à minha terra natal, após alguns anos passados pelos centros urbanos, não tive o prazer de conhecer logo, pessoalmente, Manuel Laranjeira, pois o primeiro contacto que tive com ele foi através dos seus escritos, inconfundíveis, no extinto «Notícias».

— Que ideia passou a fazer dele?

— Bem, devo dizer-lhe que criei uma imagem diferente da realidade que depois se me apresentou. Quando comecei a ler os seus artigos, pela eloquência que ele denotava, pelas ideias profundas e amadurecidas que tinha, abordando toda e qualquer problemática, parecendo-me, em suma, o mais versátil de todos os jornalistas, com a experiência de muitos anos vividos, ficou em mim radicada a ideia de que o autor era pessoa já muito entrada na idade. Portanto qual o meu profundo espanto, a minha admiração, em todos os sentidos, quando lhe fui apresentado por mão amiga, pois dei conta da ilusão falsa que havia criado. Era um moço de vinte e poucos anos e eu estava estupefacto!

— Do contacto que teve com Laranjeira, o que mais apreciava nele?

— Admirava, sem dúvida, o seu extraordinário talento posto ao serviço do bem, a sua sensibilidade requintada de poeta, o seu profundo amor pela humanidade e seus problemas.

— E o que passou a representar para si?

— Como hei-de definir? Talvez dizendo-lhe que os nossos sentimentos se irmanavam, os nossos ideais eram comuns, ambos sentíramos fortemente as vicissitudes da vida... Talvez nestas palavras encontre a resposta que buscava. Com facilidade.

— Alguma vez se sentiu defraudado na ideia que fazia dele?

— Mas não. Seria isso impossível numa pessoa que, quando me foi entrevistar a minha casa de Travanca, me deixou complexado por não lhe poder oferecer um mínimo de conforto, pois naquele tempo a minha vida fazia em condições paupérrimas, todavia, passado que foram escassos momentos, a tranquilidade voltou-me, porquanto

MANUEL LARANJEIRA (Neto) Convite

Convidam-se todos quantos foram Amigos e Admitadores do saudoso espinhense, MANUEL LARANJEIRA (Neto), a assistir, no próximo dia 1 de Dezembro, data do 1.º aniversário do seu falecimento, à Sessão Solene de Homenagem Póstuma e Evocação, a realizar, pelas 22 horas no Salão Nobre do Grémio do Comércio, na qual serão oradores o distinto jornalista nortenho Joaquim Alves Teixeira, abordando o tema «Manuel Laranjeira, o camarada e Amigo», e o nosso conterrâneo, Carlos Sárria, versando o assunto «O Manuel era assim».

Dará, ainda, a sua colaboração o poeta espinhense, Domingos de Oliveira, que declamará algumas poesias da autoria do saudoso homenageado.

1.º ANIVERSÁRIO DA SUA MORTE — SESSÃO SOLENE EVOCATIVA E DE HOMENAGEM PÓSTUMA

Laranjeira não me olhou com compaixão, mas com viva simpatia, consciente dos meus problemas, pleno de compreensão, profundamente humano, repleto de sensibilidade. Eram qualidades natas. Não enganavam.

E o nosso entrevistado prosseguiu:

— Essa entrevista, que você teve ocasião de ler agora, foi uma apresentação para os meus conterrâneos, o emergir de um mundo escondido onde me refugiava. Foi, por isso, o prelúdio da grande amizade que nasceu entre nós e se prolongou até ao seu desaparecimento. Guardo-a religiosamente, como as cartas que do Brasil ele me escreveu e uma das famosas «Epístolas Sentimentais», que também me dedicou no «Notícias» bem como uma biografia que me traçou numa revista brasileira. Aliás, Laranjeira era a pessoa que melhor me conhecia. Pensei em expor no Rio de Janeiro e ele escreveu-me dizendo que ficava à minha espera com os braços mais abertos do que o Cristo do Corcovado.

— Como recebeu a notícia da sua morte?

Encontrei-me no jornal, com

o poeta Moreira da Silva, também amigo de Laranjeira e foi ele que me transmitiu a infausta notícia. Fiquei mudo. Paralizado. Voltei para casa. Não podia conceber tal. Não queria acreditar. Depois, as lágrimas irromperam e creia que não é feio um homem chorar numa circunstância dessas.

— Que pensa sobre o livro que se vai publicar com escritos dele?

— Numa das cartas que me escreveu, dizia-me que tinha numa gaveta alguns escritos para um dia os reunir num livro, mas que não tinha pressa. Acho que é oportuno e legítimo que os amigos aproveitem esse valor literário, humano e social, que Manuel deixou, de molde a que se perpetue a sua memória e tenhamos sempre uma obra à mão para o recordarmos. Nós os amigos, pois para os ingratos, os incrédulos, será a prova irrefutável de que ele era um homem extraordinário, bom português, bom feirense, bom espinhense, que merece ver a sua memória consagrada.

— Qual a razão que o levou a dedicar esta exposição a Laranjeira?

— Como agradecimento por

tudo quanto recebi dele. Só temo que a modéstia dos meus trabalhos possa não transmitir o brilho que gostava de oferecer à homenagem que lhe dedico.

— Porque lhe pintou o retrato?

— Foi na véspera da sua partida. Como pode ver pela data. Que lhe havia de oferecer eu, um pintor, para lhe testemunhar tudo quanto por ele sentia? Um poema? Uma sinfonia? Quero agradecer daqui a sua Mãe ter permitido a vinda do retrato, expressamente do Brasil, para honrar esta exposição.

Tinha acabado de falar de artista, de outro artista. Tínhamos falado e recordado um amigo comum. Eu tinha ouvido, uma vez mais, como Manuel Laranjeira soubera impor-se no conceito de todos, pelos seus raros dotes.

«... ANTÓNIO JOAQUIM move pela sinceridade das suas palavras e pelos estados de alma traduzidos na sua pintura repousante e, consequentemente, saudável para o espírito de quem observa».

Nestas palavras do jornalista Jaime Ferreira, inseridas no ósculo sobre a exposição, talvez encontremos a razão da mútua admiração do pintor pelo escritor ou de Manuel Laranjeira pelo António Joaquim.

Carlos Sárria

REGISTO SOCIAL

ANIVERSÁRIOS

FAZEM ANOS:

Hoje, dia 29, a s.ra Dr.ª D. Elvira Beatriz Marinho Fernandes Alegria Ferreira, esposa do sr. Eng.º Artur Henrique Alegria Ferreira da Silva; o sr. Eng.º José Barbosa Lourenço, filho do sr. João Lourenço; e os meninos José Ferreira Devesas Pinheiro, filho do sr. José Devesas Pinheiro, de Guetim; e José Manuel Vieira da Costa, filho do sr. Júlio Vieira da Costa, de Paramos;

— Amanhã, dia 30, a s.ra D. Fé Freitas Martins, esposa do sr. Manuel da Silva Martins, ausente na República do Congo; os srs. António Rodrigues Gomes e Jacinto Domingues Dias; os meninos Cirilo Manuel Lobo Godinho, filho do sr. Justino Coelho da Silva Godinho, António Henrique Nunes Cardoso, filho do sr. Artur de Almeida Cardoso, Fernando Manuel Mano Queirós, neto do sr. Américo Domingues Mano, e Fernando Alberto, filho do sr. Carlos Alberto da Fonseca Peixoto; e a menina Maria Isabel Campos Gomes de Castro, filha do sr. Francisco Gomes de Castro.

— em 1 de Dezembro, a s.ra D. Laurinda Alves da Costa, nora do sr. Maximino Alves Lopes, ausente em Torres Vedras; o sr. Mário Miranda Valente; e os meninos António Hercúlo, filho do sr. Joaquim Ferreira Dias, e Oscar, filho do sr. Miguel Augusto Alves Custódio, de Silvalde;

— em 2, a senhorinha Maria de Fátima de Faria Pinto de Meneses, filha do sr. dr. Miguel Pinto de Meneses, ausente em Lisboa; a menina Maria de Lurdes Alves Pereira; filha do sr. Fernando Pereira (Passos), de Silvalde; o sr. José Beça Meneses Castel-Branco; e os meninos Adriano de Almeida, neto do sr. Augusto Fernandes Tato, e Nuno Alberto Gonçalves, filho do sr. prof. Fausto Carlos Gonçalves;

— em 3, as sras D. Deolinda Santos e D. Maria Clara Oliveira Costa, espo-

Manuel Laranjeira

MISSA DE ANIVERSÁRIO

A Câmara Municipal de Espinho convida todas as pessoas que o desejem fazer a assistir à missa do 1.º aniversário do falecimento de Manuel Laranjeira, que terá lugar na Igreja Matriz de Espinho, pelas 19 horas do dia 1 de Dezembro próximo (segunda-feira).

sa do sr. Armando Sergio Gomes da Costa; e os srs. Pedro Luís de Resende, ausente no Porto, e eng.º Joaquim Domingues de Sá Ferreira Capela, filho do sr. Domingos Ferreira Capela, de Anta;

— em 4, as sras D. Maria Emília Ribeiro do Espírito Santo, ausente no Porto, e D. Lídia F. de Macedo Mota Ferrão Tavares; as meninas Maria Elisa Polónia Ventura Pinto, filha do sr. David Ventura Pinto, e Maria Selene Casal Ribeiro da Silva, filha do sr. António da Silva, ausente em África; e o sr. Alberto Pinto de Sá, pai do sr. Manuel Pinto de Oliveira e Sá, ausente em Lourenço Marques;

— em 5, s.ra D. Fernanda Elvira Guedes Pessoa, esposa do sr. eng.º Fernando Pessoa, ausente na Parede; os srs. Mário Dias Coelho, de Paços de Brandão, José de Almeida Marques, pai do sr. Adão Loureiro de Almeida, e o menino Alberto Soares da Costa Lima, filho do sr. Artur da Costa Lima.

Academia de Música de Espinho

Recital de Canto e Piano

Realiza-se na próxima 3.ª feira dia 2, na Sala Auditório da Academia, pelas 18,30 horas, um Recital de Canto e Piano promovido pela PRÓ-ARTE e dedicado aos sócios, alunos e Ex-mas Famílias, cujos intérpretes a Pianista Melina Rebelo e a cantora Maria Amélia Abreu. Ambas aperfeiçoaram os seus estudos em Paris e na Suíça e são primeiros prémios em diversos concursos tanto Nacionais como Internacionais, sendo portanto um Duo de Artistas distintas e que faz prever um magnífico Concerto.

«AQUELES OLHOS VERDES»

(Continuação)

Na seguinte visita à sua doente, como intimamente já lhe chamava, achou-a com melhor aspecto e progressivas melhoras. Conversaram um pouco sobre as actividades artísticas da jovem, e, quando dali saiu, a imagem de Maria Luísa enchia-lhe a alma. — Mau, mau, resmungava ele, parece que no fim o doente sou eu; nem ela sonha o quanto me impressionou toda a sua maneira de ser... dar-se-á o caso de eu me estar a apaixonar? E logo por uma louca... raio de vida esta, nunca vamos para onde queremos, mas sim, para onde nos quer levar... enfim, veremos.

O certo é que o idílio começou. O médico solteiro, foi finalmente atingido pelas setas de Cupido... murmurava-se baixinho. Maria Luísa passeava já pelo jardim, gostava também de dar grandes passeios a cavalo mas o médico só o permitiu, quando viu que o seu estado de saúde o permitia fazê-lo. Atenção de médico, mas mais de namorado.

Miguel não tinha feito uma declaração em forma, mas Maria Luísa com a sua fina intuição feminina, compreendeu-a, e longe de o repelir ia alimentando essa paixão, que dia a dia mais prendia o médico à artista. Era uma obsessão para Miguel, aquela gentil figura de mulher; mas mais que todos os seus encantos, seduziam-no os seus grandes, profundos, e maravilhosos olhos verdes! Quando mergulhava o olhar naqueles olhos insondáveis, sentia uma espécie de vertigem, e um frémito percorria todo o seu corpo.

Um desejo louco fa-se apoderando dele, e por mais duma vez, teve de se dominar para a não apertar doadamente contra o coração. Maria Luísa notava-lhe essas reacções, mas nada dizia. Com a sua fina inteligência e mentalidade esclarecidíssima, queria levar aquele namoro até ao fim, mas antes, tinha que pôr à prova o amor de Miguel; pois a sua fama de boémio e solteiro, já chegara à Quinta da Madureira.

Sim, ela também o amava, mas era necessária a separação; ela tinha que partir dentro em breve para o estrangeiro, e se não o tinha feito já, foi porque a súbita indisposição da sua saúde o não permitiu. Uma tarde como sempre que os seus trabalhos o permitiam, Miguel foi visitá-la; achou-a mais triste, mas mais adorável do que nunca, advertiu-a dessa tristeza, e então Maria Luísa, esclareceu-o de que era a última vez que se viam, pois no dia seguinte ia para Lisboa, e dali partiria para Itália, onde era esperada. Apesar de contar com a notícia, Miguel sentiu um doloroso sofrimento retalhar-lhe o coração. Afinal era como outros, nem mais forte um átomo! Maria Luísa levantou para ele os seus olhos puríssimos, onde se lia também amor. Então, o mesmo desejo súbito e impetuoso se apoderou dele, e agarrando-a pela cintura, fazendo-a num arco, beijou-lhe doadamente, sófregamente, aqueles olhos que o entonteciam e traziam enfeitado!

(Continua)

ROSALINA C. LOPES

A Revista «Oliva»

Da qual é ilustre Directora a consagrada poetisa ALICE DE AZEVEDO, abre o número comemorativo do XIV aniversário da sua publicação, com a sentimental poesia que se segue:

Mistério

Ó rútila manhã,
Visão que me procuras
Coroada de rosas
E de lírios,
Toda cingida em mágicas bran-
(curas)

Ó rútila manhã,
ada que vens beijar-me,
Ungir-me, acarinhar-me,
Com tuas mãos frementes de
(magia,
Com teus lábios,
Translúcidas nascentes,
Vibrantes do fulgor dum novo
(dial

Porém os beijos teus
— Quem tal diria?! —
Têm o sabor a cinzas de poente,
A raízes de treva, a solidão,
A malogro, incerteza e nostalgial

Por quê, Senhor, por quê,
Este fatal mistério
Estranho, incongruente?
Por quê esta fusão de vida
E morte.
Este perpétuo encontro
E desencontro
Que friamente nos impõe a sorte?!

ALICE DE AZEVEDO

Auxiliar o Hospital de Espinho

Camionetes de Passageiros

Tem sido geral o descontentamento pela maneira como as camionetes de passageiros fazem os seus estacionamentos, ocupando ruas no centro de Vila, com todos os seus inconvenientes.

Sabemos que tudo isso vai acabar, pois que, no novo plano de viação da Vila, elas terão a sua Estação, que será perto da feira e sem qualquer dos inconvenientes apresentados.

Além disso, nas suas passagens pelo interior de Espinho, elas serão feitas de maneira a não impedir o trânsito, sem contudo deixarem de servir o público.

A Câmara, mal resolvido o caso, vai mandar reconstruir os passeios que os carros danificaram, colocando, no seu devido lugar, as guias que estão danificadas e fora do alinhamento.

Será bom que de futuro não se vá esquecendo o problema da camionagem de passageiros, não só nas suas passagens e estacionamento, mas em tudo que possa prejudicar o público no seu descanço, com barulhos, maus cheiros ou ajuntamentos mais ou menos palavrados.

Não será difícil, a não ser que se deixe correr e um dia o remédio será mais duro, pois teremos que assistir a um absoluto cumprimento da Lei.

O S. Martinho em Anta

Lá fomos, a matar saudades e cumprir um preceito, na visita ao Santo e aqueles lugares onde se babia mulo quartinho e se comia um quarteirão de castanhas assadas.

Depois, era a volta, a contar os Juissas, medindo a estrada que atravazia a Espinho porque, se não tinham excedido a conta das castanhas, tinham tentado o milagre de multiplicar os meios quarteirões.

Trazíamos, nos olhos, a magestade do velho S. Martinho a subir ao coreto, e que ele fazia com um grande respeito pela Arte e por si próprio, com um ritual próprio da circunscrição.

O sermão, temos que confessar que pouco nos interessava, pois o milagre era sempre o mesmo: S. Martinho ia a cavalo e viu um homem com frio; desceu do cavalo, cortou a capa a meio, ofereceu metade ao pobre e seguiu o seu caminho. Confessamos que achávamos muito bonito, mas o milagre quase se não via, pois não confirmava a santidade.

Gostáramos, na nossa maneira de ver de menino e moço, que o Santo oferecesse a capa inteira e seguisse o seu caminho, ao frio e ao vento. Mas assim estava escrito nos livros e assim teria que dizer o pregador.

Hoje, o S. Martinho é diferente. O Pároco actual, com uma pregação muito bonita e com muita ordem, mostra as alfaias da freguesia, que as tem como poucas.

Os anjinhos já não vão de grandes asas, vestidos com muitas cores, espadas e capacetes, mas sim deixando ver a graça infinita das criancinhas, no seu vestir de anjos, simples como eles são.

O bêbedos acabaram, ou pelo menos já se não vêem aos bordos pela estrada fora e, a substituir a caminhada em um carro de Loureiro que pavorosamente fazia o trajecto, a viagem rápida de um automóvel, que o Progresso criou para tirar toda a poeira da Vida.

Mas assim é... e cada vez pior.

José Luís F. Barbosa

— Médico Especialista —

Doenças dos ossos e Articulações

Consulta todas as 3.^{as} feiras a partir das 14 horas, na Policlínica do dr. Miranda Valente — Rua 31 n.º 321 — Espinho — Telefone 920689. p. f. marcar consulta.

Carro Austin

Com dois pneus novos e os restantes em bom estado, jante 16 — vende-se, Rua 39 n.º 440 Espinho.

Vende-se

Mobiliária de Escritório, estilo antigo: 2 estantes, secretária e cadeira. Mostra-se das 10 às 19 horas, Av. 8 n.º 270 — Espinho.

A Mojadra de Espinho

Sociedade Cooperativa de Responsabilidade Limitada

RUA 24 N.º 751 — ESPINHO

AVISO DE SORTEIO

Realiza-se no dia 18 de Dezembro próximo, pelas 22 horas, na sede da Cooperativa, mais um sorteio para a construção duma casa, de qualquer classe, pelo que temos a honra de convidar V. Ex.^a a assistir a este acto.

Neste sorteio entrarão os números dos sócios que tenham a sua quotização em dia.

A lista dos números a sortear é encerrada, impreterivelmente, no dia 10 de Dezembro.

Espinho, 20 de Novembro de 1969.

A DIRECÇÃO

Pormenores

Em Espinho, como aliás em todas as terras, o grande público só dá pelas grandes construções, quase sempre monótonas e lamentavelmente iguais, para esquecer os pequenos pormenores de uma terra, que nem por serem pequenos devem merecer menor atenção.

Vêm estas palavras a respeito de uma casa construída na Rua 19 que unicamente pôde aproveitar cinco metros de frente, mas conseguido, graças a uma arquitectura graciosa, alegrar o local.

Sem qualquer intuito de réclame diremos que nesta casa se situa o Horto de Espinho, que, há gerações nos tem dado a graça das suas flores.

Elas aliudaram as mãos dos baptizados, tornaram mais graciosas as pequeninas mãos dos comungantes, assistiram a banquetes e festas e acompanharam os noivos entusiasmados e nossos irmãos à última jazida e quantas delas desceram com elas a esquecer-lhes a frialdade da sepultura.

A Rua 19 tem um canteiro permanentemente a deliciar a vista de quem passa, num arranjo harmónico de quem sabe lidar com as flores com o cuidado que elas merecem.

Deus criou as flores. Bendito seja por isso.

EDITAL

Manuel Lopes da Rocha Gomes, Tesoureiro da Fazenda Pública do Concelho de Espinho.

Faço saber que, durante o próximo mês de Dezembro de 1969 se acha aberto o cofre para o pagamento de

Imposto Complementar

(Secção B) do Ano de 1968

Este imposto é pago de uma só vez (Decreto-Lei n.º 45399, de 30-11-1963) e se não for pago no prazo respectivo, ficará sujeito aos juros de mora.

O relaxe terá lugar sessenta dias depois de expirado o prazo para o pagamento à boca do cofre.

Para constar se passou o presente e idênticos que vão ser afixados na Tesouraria da Fazenda Pública, na Repartição de Finanças e nos lugares públicos do costume.

Tesouraria da Fazenda Pública do concelho de Espinho, em 21 de Novembro de 1969.

O Tesoureiro da Fazenda Pública,
Manuel Lopes da Rocha
Gomes

Prof. Sá Couto

Lições de Francês, de Inglês e de Alta Cultura Física (Gimnástica, Maçagem, Nutrição, etc.). Tel. 920749 — ESPINHO.

COMPRA-SE

Casa antiga ou terreno no centro, indicar local carta a este jornal ao n.º 21.

Casa com Armazém ALUGA-SE

Na esquina da Ruas 12 e 35 para habitação no 1.º andar e amplo armazém no r/c, Aluga-se de preferência em conjunto, falar na Rua 8 n.º 1111.

EDUARDO MAIA

MEDICO

Boca - Dentes

Largo Marquês da Graciosa - 49

Telef. 92 00 34 — ESPINHO

PASSA-SE

Estabelecimento de mercearia e vinhos, próprio para restaurante ou outro ramo. Avenida 24 n.º 1079, falar com o proprietário — Aníbal Mota.

Federação das Caixas de Previdência e Abono de Família

AVISO

Concurso Médico

Está aberto concurso documental de habilitação por 20 dias, com início em 28 de Novembro de 1969 para médicos da especialidade de Oftalmologia do Posto Clínico de Espinho, da Caixa de Previdência e Abono de Família do Distrito de Aveiro, devendo a documentação ser entregue na Caixa acima indicada — Av.º Dr. Lourenço Peixinho, 110-3.º — Aveiro, ou na Federação — Avenida Manuel da Maia, 58-2.º — Esq. — Lisboa, até às 18 horas do dia 17 de Dezembro do mesmo ano.

As condições de admissão encontram-se patentes na Caixa, Federação e Posto referenciado.

Lisboa, 19/11/69

A DIRECÇÃO

CAFÉ NICOLA

O mais saboroso e mais apreciado dos cafés, servido nos principais cafés de Espinho. Em Lisboa — visitem o CAFÉ NICOLA.



O VELHO PORTO

NIEPOORT

SABE... A QUEM SABE...

A PROVA ESTÁ NA PROVA
E QUEM PROVA... APROVA!

Distribuidores para o Distrito de Aveiro:
DOMINGOS NOGUEIRA COUTO & FILHO
Tel. 920528 ESPINHO

SEMANA DESPORTIVA

Secção dirigida por AGOSTINHO TAVARES DE ALMEIDA

Correspondência Apartado 91

Futebol

Campeonato Nacional da II Divisão

Zona Norte
9.ª Jornada

Na jornada efectuada no passado domingo, verificaram-se os desfechos seguintes:

Espinho 1 Leça 0; Beira Mar 3 Tirsense 0; Gouveia 0 Sanjoanense 0; Vizela 2 Famalicão 1; Marinhense 0 Ac. de Viseu 0; Salgueiros 3 T. Novas 0 e Penafiel 2 Lamas 0.

CLASSIFICAÇÃO

J. V. E. D. F. C. P.

Tirsense	9	6	1	2	16-10	13
Sanjoanense	9	4	4	1	13-6	12
Beira Mar	9	5	1	3	21-11	11
Salgueiros	9	4	2	3	17-13	10
Famalicão	9	2	5	2	14-12	9
Leça	9	2	5	2	10-9	9
ESPINHO	9	3	3	3	14-19	9
Penafiel	9	3	2	4	13-13	8
Gouveia	9	3	2	4	10-12	8
Marinhense	9	1	6	2	8-11	8
Vizela	9	3	2	4	11-15	8
Lamas	9	3	1	5	11-15	7
Ac. de Viseu	9	2	3	4	10-14	7
Torres Novas	9	3	1	5	14-22	7

ESPINHO 1 LEÇA 0

Jogo no campo da Avenida. Arbitrou o encontro o sr. Henrique Graça, de Coimbra, tendo as duas equipas apresentado a seguinte constituição:

ESPINHO — Arnaldo; Ribelrinho, Silva, Gonçalves e Gomes; Cáliz e Luciano (Acácio); Leandro, Momade, Naital e Melreles.

LEÇA — José Henriques; Gentil, Villacova, P. de Carvalho e Serrão II; Júlio e Clarito (Sá Pereira); Seminário, Ramos, Martinho e Santos.

Ao intervalo: 10. Marcador: Melreles (aos 40 m.).

Mais um resultado magríssimo para tanto domínio por parte da equipa da Costa Verde. Não hájam dúvidas que o sector atacante da nossa equipa ainda não se encontrou, pois de contrário o resultado seria bastante mais volumoso, dando até ensejo, por vezes, a pequenas goleadas.

De qualquer forma, desta vez sempre venceu e isso veio alegrar bastante, não só atletas como assistentes.

Se analisarmos bem: um golo limpo anulado pelo fiscal do lado da bancada, cargas irregulares sucessivas dentro da grande área, mão à bola, umas vezes casual, outras propositadamente, vieram tornar o ambiente do Campo da Avenida num verdadeiro inferno, em que a polícia se viu embaraçada para manter a boa ordem.

Mas agora pergunta-se: sendo o sr. árbitro a ocasionar todo este estado de coisas, quem deveria ser reprimido, ele ou a massa associativa do clube, técnico e jogadores?

Creemos bem que não faria nada mal, em casos semelhantes, as autoridades policiais suspenderem o jogo e lembrar ao homem do apito, as sérias consequências em que poderia incorrer se continuasse a proceder incorrectamente.

Enfim... contingências do futebol, que em nada dignificam a modalidade.

Desporto Corporativo

Campeonato Regional de Futebol de Aveiro

Resultados verificados na 3.ª jornada: Luso 3 Mogofores 0; Paula Dias 1 Moflex 2; Oliveirinha 16 Jocar 0; Lamas 1

Record 0 e Vilarinho 4 Fabilo.

A jornada do passado dia 23 foi bastante molhada, e por tal facto o jogo Estrelas Navais-Corfi, foi suspenso aos 27 m. da 2.ª parte, quando os espinhenses estavam na posição de vencedores por 2-4.

A Corfi alinhou com: Jorge, O. Costa, Resende, Outeiro, Sá, Capela, Telxela, Freitas, Santos, Bouçon e Lette.

Marcaram os golos: Sá, Capela, Santos e Freitas, com um golo cada.

JOGOS PARA AMANHÃ:

Leça-Penafiel; Tirsense-Espinho; Sanjoanense-Beira Mar; Famalicão-Gouveia; Ac. Viseu Vizela; T. Novas-Marinhense e Lamas-Salgueiros.

Campeonatos Regionais de Aveiro

I Divisão

Resultados verificados na 4.ª jornada: Pejão 0 Estarreja 3; Anadia 3 Bustelo 0; Valonguense 0 Paços Brandão 1; Cucujães 0 S. Roque F; Arrifanense 5 O. do Bairro 3; Mealhada 1 Agueda 2; S. João de Ver 1 Ovarense 2 e Esmoriz 2 Palvese 1.

Paços de Brandão, S. Roque e Esmoriz, comandam a classificação com 11 pontos cada.

Juniiores

LOUROSA 3 ESPINHO 0

Juvenis

ESPINHO 2 ARRIFANENSE 1

Totobola

CONCURSO N.º 14

7 de Dezembro de 1969

Este é o nosso prognóstico para o próximo concurso. Se o leitor quiser anotar...

N.º	EQUIPAS	1	X	2
1	Tirsense - Beira Mar	1		
2	Olhanense - Sanjoanense			2
3	U. Coimbra - Sintrense			2
4	Sestmbrá - Torrensense			2
5	Celta - Corunha			2
6	Malorca - R. Madrid			2
7	At. Madrid - At. Bilbao	1		
8	Saragoça - Barcelona		x	
9	Sabadel - Las Palmas	1		
0	Florentina - Inter		x	
11	Lanerossi - Roma			2
12	Palermo - Sampdoria	1		
13	Verona - Bari		x	

Terreno Vende-se

No todo ou em parte, 420 m. Tem 30 metros de fundo por 14 metros de frente. Rua 28 n.º 424. Falar com Belmira de Jesus, na mesma casa.

CAFÉ PARQUE

Passa-se em Espinho, junto à Feira. Falar telef. 920892.

Dois personagens de Eça de Queiroz

Há já muito mais de cinquenta anos que eu levo a ler tudo quanto me cai debaixo dos olhos e que, claro, mereça ser lido, numa ansia de comunicação própria do meu ser.

Leio tudo. Até os magazines de culinária que minha mulher assina. De quando em vez, porém, volto ao meu escritor predilecto, ao grande artista que foi Eça de Queiroz, único que conseguiu elevar a nossa literatura ao nível Europeu, com projecção enorme no Brasil, na Espanha e no Mundo em geral, tendo ainda há pouco sido traduzidos em língua inglesa «Os Maias» e o «Primo Basílio». É porque, Senhores? Porque os seus personagens, sendo portugueses e mormente lisboetas, têm paralelismo em todos os países, por terem sido arrancados à própria vida e observados, com exactidão, através daquele monóculo penetrante do grande escritor, honra de Portugal.

Desses personagens-tipo, que Eça nos deixou e que persistem ainda hoje à nossa volta, após quase cem anos (porque ele fixou-nos para Séculos), destaco dois que sempre me sensibilizaram.

O «Alpedrinha» que passa episódicamente na «Relíquia», e o célebre «Fradique Mendes», que não foi real mas que nos é descrito de tal maneira, que poderia ter sido qualquer dos seus amigos brasileiros ou portugueses que rodeavam o nosso consul-artista, em Paris.

Pois o Raposo, da «Relíquia», foi encontrar o nosso Alpedrinha na Ásia Menor, quando ia a caminho da Terra Santa. Como todos os portugueses, o Alpedrinha era um lusitano amigo da aventura e de ver Mundo e gentes, em toda a parte se adaptando, com este nosso feito universalista que Deus nos deu.

Como vivia o Alpedrinha, português nascido em Trancoso? Agarrando-se a toda a casta de trabalhos. Foi sacristão em Roma, barbeiro em Atenas e empregou-se até na pesca pavorosa de sanguessugas, tendo também vendido água, com odres negros ao ombro, nas vielas de Smyrna, e por fim, moço de bagagens no hotel das Pirâmides, já no Egipto, onde reencontrou o nosso conhecido Raposo, a quem sómente pediu algum jornal para saber coisas da nossa Lisboa. Raposo desembrulhou uns botins e deu-lhe uns velhos jornais de Notícias. Já era alguma coisa da Pátria para aquele português transviado no Mundo.

Modernamente, eu próprio, encontrei alguns «Alpedrinhas» abrindo valas nas ruas de Paris. Não me pediram jornais, mas sou-lhes bem a nossa língua falada em comum. Por toda a parte anda o português ganhando a vida. «Ai do Lusíada, coitado» célebre verso de António Nobre, o do «Sò», que por Paris também andou espalhando a sua tristeza e a sua amargura.

Também Fradique Mendes foi viajear pelo mundo inteiro, tendo como base a sua quinta de Sintra, (para ter algo na terra), e a sua nobre residência na capital da França, centro do Mundo.

Fradique saiu do cérebro privilegiado do Eça, como obra acabada dum português altamente evoluído, requintado na sua inteligência e simples no seu trato com toda a gente de qualquer Pátria. Em suas conversas e em suas cartas para seus amigos, todos de alto estofio, deixou-nos muitos conceitos e muitas maneiras de ver e de compreender a humanidade, sensível a todas as fraquezas e superior à estupidéz que por vezes se lhe antolhava na Pátria e alhures. Via a humanidade e os portugueses com olhos superiores e indulgentes e praticava as suas ajudas sociais em segredo, através do seu fiel criado, o Smith, escocês, que há trinta anos o acompanhava por toda a parte e era o seu primeiro barometro noticioso da manhã.

Há uma lição de Fradique que eu tomei sempre para mim. Foi a sua forma de viajar, vagarosamente, pelas várias regiões do Mundo, incluindo

onde o Norte se diverte

GRANDE CASINO DE ESPINHO

HOJE
no RESTAURANTE
m/ 21 anos

Aberto até 31 de Dezembro

VARIEDADES

ÉLIA MARIA
apreciada cançonetista portuguesa

BALLET LES DIAMANTES
cinco esculturais bailarinas inglesas em coreografias modernas

LOS DE MÁLAGA
excelente parelha de baile espanhol

Em 1 de Dezembro
SENSACIONAL ESTREIA DO ESPECTACULAR
BALLET ESPANHOL
ESMERALDA Y PEPE LARA

Música de Baile pelos apreciados conjuntos:
ARMANDO QUATORZE com a sua vocalista espanhola «CHONY PARGA»
QUARTETO BRASILEIRO ORPHEU'S com a vocalista «WILMA PALMER»

Das 20 às 22 horas: JANTARES CONCERTO
Esmerado Serviço de Restaurante

NO CINE-TEATRO — m/ 17 anos — HOJE, Sábado, 29
às 15,30 e 21,30 h. — O Filme
O MESTRE IMPOSTOR
com: TONY CURTIS

Domingo, 30 — m/ 17 anos — às 15,30 e 21,30 h.
OS MAUS TAMBÉM AMAM

Às 22 horas — No Palco VARIEDADES

Pedimos a atenção do Ex.mo Público para a sensacional programação do Cine-Teatro durante o mês de Dezembro

As 5.ª Feiras e Domingos — VARIEDADES
As 3.ª Feiras — Actuação do Conjunto ORPHEU'S

Portugal, misturando-se com as gentes, respeitando todas as crianças e todas as formas de viver, convivendo, confraternizando com tudo e com todos.

São estas, com efeito, as características dos portugueses, universalistas por natureza e por necessidade, pois que moram num acanhado território. Dizia-me, outrora, um capitão dum barco Nórdico, de tráfego, com quem trabalhei, que nós eramos fantásticos, expressão esta que nele queria dizer formidáveis, porque, em todos os portos do Mundo onde chegava, e tinha corrido o Mundo inteiro, encontrava sempre os portugueses, prova da nossa universalidade e da nossa confraternização humana.

Tudo isto eu tenho sentido pelo estrangeiro, embora em peripetias mais modestas que as de Fradique, ao encontrar aqui e acolá os Alpedrinhas trabalhando em qualquer ocupação, e, de quando em vez, mais raro, aliás, um Fradique Mendes, como há poucos anos, em Génève, um Fernando Namora nos «Diálogos de Setembro», onde o lobriguei, misturado, em simplicidade, com grandes intelectuais desta nossa Europa.

Lisboa, Novembro de 1969
ANTÓNIO ALVES DIAS

Registo Social

ALBERTO BARBOSA

Este conceituado espinhense e antigo director dos Serviços Municipalizados da Câmara Municipal de Espinho, encontra-se internado no Hospital da Ordem do Terço onde foi submetido a melindrosa operação cirúrgica. Desejamos-lhe pronto e completo restabelecimento.

Dr. Manuel Ferreira Baião Nunes dos Santos

Amanhã, dia 30, passa o 1.º aniversário da posse do Dr. Manuel Ferreira Baião Nunes dos Santos, como Presidente da Câmara Municipal de Espinho. Por tal motivo, endereçamos-lhe as mais sinceras felicitações, esperando a continuação do seu esforço a bem de Espinho.

AGRADECIMENTO

A «Defesa de Espinho» não pode deixar de manifestar o seu profundo reconhecimento aos distintos jornalistas Costa Carvalho (do «Jornal de Notícias») e Jaime da Silva, amigos íntimos do saudoso Manuel Laranjeira, a contribuição valiosa dos seus brilhantes escritos, neste número, com os quais quiseram honrar a memória do Amigo de sempre e associar-se à pequena homenagem que lhe quisemos prestar.

AUXILIAI

o Hospital de Espinho

Bar Restaurante Golfinho

Passa-se, devidamente equipado, para o mesmo ramo ou, sem móveis e utensílios para qualquer outro. Trata-se na rua 2 (ângulo da rua 17) — Tel. 920974 — Espinho (das 15 às 18 h.)

LAVANDARIA A SECO

LAVÉLIA

Recolha e Entrega ao Domicílio

Augusto Nunes da Silva

Serviço Rápido

Rua 19 n.º 356 ESPINHO Tel. 921266

TOIAUTO

Admire os belos modelos da maior fábrica de automóveis japoneses — TOYOTA.

Modelos 1100 de 2 e 4 portas, 1600, 1900 e 2300 c.c.

Furgonetas TOYOTA DYNA para 3500 e 5000 Kg. de peso bruto.

Antes de comprar consulte os clientes TOYOTA. Baixos consumos. Elevada resistência mecânica e concepção técnica avançada.

«COMPRANDO TOYOTA COMPRA O MELHOR»

TOIAUTO
Rua 23, n.º 318 Tel. 920062
Espinho

SAPATARIA PARIS

de Arminda Gomes Moreira

Rua 33 n.º 795 (Angulo da Rua 28) Junto da Escola Industrial
ESPINHO

A mais completa gama em modelos de calçado para *Homem, Senhora e Criança*. Não vendemos artigo de feira - Garantimos o nosso fabrico.

Cómodo, Resistente, Económico,
Secções de: *Camisaria*
Gravataria e Confeções
Agradecemos a honrosa visita que nos dá.

«Há sempre um Portugal desconhecido que espera por si»
Todos podem ajudar

A direcção-geral do Turismo faz, a todos os Portugueses, a justiça de pensar que desejam total êxito à campanha que está decorrendo sobre a epigrafe «Há sempre um Portugal desconhecido que espera por si». Também nos parece que muitos desejariam colaborar supondo muito embora não ter possibilidades disso.

Pois bem! Todos podem fazê-lo e todos os meios são aproveitáveis. É necessário apenas traduzir em boa vontade o amor à nossa terra. Desde as instituições organizadas para esse fim, as colectividades que, em virtude de grande número de associados, podem desenvolver uma larga acção, à simples iniciativa particular, não há contribuído sem valor.

Por um sentimento de orgulho nacional e por uma intenção legítima de canalizarmos para o nosso país essa indústria rendosa que é hoje o turismo internacional, compreendemos já que o nosso natural dom de hospitalidade precisa de se reflectir não só na maneira como recebemos mas também nos cuidados a ter com os lugares onde recebemos.

Aperfeiçoemos ao máximo a nossa maneira de bem receber. Acrescentemos a um sorriso acolhedor, a comodidade, a higiene, o embelezamento dos lugares onde recebemos. E estes não são apenas a nossa casa, as lojas, o café. A rua, o parque, o jardim, o miradouro, a estrada, a aldeia que se atravessa, o monumento que se procura — tudo seja a sala de honra, mas carinhosa, onde acolhamos as nossas visitas.

Existe, porém, outro ramo desta interessante e moderna indústria: o turismo feito para nós próprios e por nós próprios.

Chamam-lhe alguns turismo interno, outros turismo ao âmbito nacional. É a consciência da importância deste

Limpeza

A nossa Câmara, no desejo de beneficiar Espinho e a sua gente, acaba de mandar fazer a limpeza da Rua 32, há muitos anos abandonada e que mais parecia um matagal.

Falamos que os benefícios não se fazem sentir, unicamente, no centro de Espinho mas que, longe disso, se culde de dar à toda a nossa terra um ar limpo e saudável, sem aquelas noções que sempre se fazem notar se vê uma rua mal tratada e menos limpa, como se não fizesse parte dessa mesma terra.

Além disso, será mais um incentivo para quem deseja construir as suas residências mais longe do centro, na certeza de que serão vistos em igualdade de circunstâncias com todos os outros.

Só assim se poderá pensar num Espinho sempre maior, abrindo francamente as portas a quem queira entrar, fazendo aqui a sua vida e contando com o apoio oficial, que temos por certo nunca será negado a quem dele careça.

Emprego compatível

Jovem de 22 anos, com frequência do 7.º ano, deseja empregar-se em casa de respeito. Carta à Redacção ao n.º 261.

saber viajar e gastar na sua terra, conhecendo-a, descobrindo-a para um novo orgulho e um novo amor, que se pretende criar e desenvolver com a campanha: «Há sempre um Portugal desconhecido que espera por si».

E, porque o que interessa a todos, por todos deve ser ajudado, a Direcção-Geral do Turismo pede a colaboração de todos para que o país não continue a ser desconhecido pelos seus próprios filhos.

COISAS DO MEU DIÁRIO

Digo? Não digo?
Três meses só a batatas!

Embora possa motivar alguma expressão espiritual — o que não seia a primeira vez — sempre digo.

Para aprofundar os meus conhecimentos do inglês e francês, emigrei para os Estados Unidos da América em 1915.

Trabalhava de dia e estudava de noite. Tempos depois, para ensinar inglês aos imigrantes continentais, azerenos e madeiranos, e português aos filhos destes, fundei a Escola do Ateneu Nacional Português, em Fall River, Massachusetts, (anos depois reconhecida oficialmente pelo Governo Português pelo serviço apresentado) e a Escola Nova António Falcão de Castilho, que funcionava em qualquer parte onde eu encontrava portugueses interessados em aprender a ler e a escrever o nosso idioma ou mandá-lo ensinar aos filhos.

Durante uns meses hospedei-me em casa dum mineirense onde estive mais cinco rapazes continentais, três de Espinho — José Pereira, Salvador de Almeida e José de Almeida — e dois rapazes de Grijó, ou de que-lhas imediações, chamados, um deles, Felteira Maia, e o outro, se não estou em erro, António de Sousa, muito amigo de recitar poesias de guerra Junquelro.

Como eu tinha uma alimentação tão natural quanto possível, nunca tocando em carne enquanto eles a comiam a todas as refeições, discutíamos frequentemente regimes alimentares, contentando eles que se pusessem a viver com saúde só de frutos e vegetais.

Retorqui: «Pela fidal sabendo que até só de batatas exclusivamente se pode viver».

«Garganta», responderam eles em coro.

«Não é garganta», é um facto, como lhes ver». E, virando-me para a hospedeira, ordenei:

«Faça o favor de me comprar amanhã um saco de batatas e, até nova ordem, não me dê senão batatas. Mas não deixe fora a água onde as tiver cozido, porque desejo bebê-las».

Na água da cozedura ficavam diluídos sais orgânicos e outras propriedades nutritivas que eu não desejava perder.

E durante três meses não comi nem bebi outra coisa que não fosse batatas e a respectiva água da cozedura, sem azeite ou outro tempero, a não ser uns grãos de sal, muito poucos.

No fim deste período perguntelhes:

«Já estais convencidos de que se pode viver só de batatas?»

«Agora estamos», responderam prontamente.

Virando-me para a hospedeira, ordenei então:

«Faça o favor de suspender as

Casa das Fogaças

GENINHA

MARIA EUGÉNIA FERREIRINHA

Especialidade caseira de Fogaças, Caladinhos, Raivinhas e toda a variedade de Pastelaria.

Rua 29 n.º 486
(Entrega ao Domicílio)

Telefone 920108

ESPINHO

batatas. Volto ao meu anterior regime de frutos e vegetais, sem dúvida muito superiores.

Devo confessar que me custou um bocado, mas nem uma só vez violei o compromisso tomado.

Os rapazes a princípio divertiam-se colocando os seus pratos com ossos devolta do meu prato, querendo dizer que, afinal, eu comia tanta e mais carne do que eles. E eu ria-me com os seus ditos gracejos.

Pena é que os meus companheiros espinhenses de então já não vivam para poderem confirmar estes factos.

O último deles, José de Almeida, faleceu o ano passado em Espinho, segundo me contou.

Creio ter sido o único homem no mundo que viveu três meses exclusivamente de batatas... só para confirmação de verdades em que geralmente se não acredita. E não morri por isso... Pelo contrário, nunca estive tão nutrido como quando fiz essa já longínqua demonstração de convicção, persistência e força de vontade.

a) Sá Couto

Tavares Nogueira

— Médico Especialista —

CONSULTÓRIO

Rua 19 N.º 485-1.º-Sala C. Tel. 920590
ESPINHO

Consultas:

Segundas, Terças, Quintas e Sextas-feiras, das 9 às 12 h., e das 15 às 19 horas.

Aos Sábados das 9 às 12 horas.

Escritas

Acção de qualquer Grupo.
António de Castro Barbosa —
Rua 12 n.º 1019 — ESPINHO.

Centro de Assistência Social de Espinho

Estando em distribuição os boletins de inscrição dos novos contribuintes que desejarem ajudar a obra deste Centro, a Direcção agradece o preenchimento dos mesmos, designando a quota com que se pretende inscrever mensalmente.

Dr. Ferreira de Campos

Advogado

Rua 15 n.º 525 — Telefone 920805
ESPINHO

Mulher a dias

Oferece-se, falar na Rua 4 n.º 895 — Espinho.

Colégio de Nossa Senhora da Conceição - Espinho

Internato para Meninas
Externato e semi-internato para Meninas e Rapazes
Cursos infantil — (com Inglês ou Francês e iniciação Musical)

— Instrução Primária — Ciclo Preparatório do ensino Secundário — Ensino Liceal — Música com exames no Conservatório — Desenho, Pintura, Ginástica, «Ballet», Bordados, Rendas, Tapeçarias, Salões de Estudo Orientado — Biblioteca.

Fábrica HERCULES

Afonso Henriques, Sucrs., Lda
Fábrica Transformadora de Matérias Plásticas
Apart. 40-Bnd. Teleg. HÉRCULES
Telefone, 920146 — ESPINHO

CARPINTARIA E MARCENARIA MECÂNICA

Encarrega-se de todos os trabalhos de construção civil
Móveis artísticos e modernos

Manuel da Rocha Pinto

Apto a fornecer a todos os mestres e empreiteiros caixilharia, portas, janelas a preços sem concorrência

Fábrica: Estrada de Anta — Telef. 920696 — ESPINHO

Quintas, Faria & Bernardes, L.ª

ARMAZENISTAS DE MERCERIA
CEREAIS E GORDURAS

Apartado 26

Ruas 16 e 25 Tel 920190 Espinho

GOR É VIDA

ROBBIALAC

Padaria Mecânica

Pérola de Espinho
de FÁRIA & IRMÃO

Especialidade em pão sem fermento artificial, pão francês de luxo, biscoito, etc. Fabrico esmerado e higiénico pelos mais modernos maquinismos. A higiénica é a divisa da Padaria «PÉROLA» — Entrada Livre.
Rua 16 251 Tel 920034 Espinho

HORVA

FÁBRICA DE MOBILIAS E OBJECTOS UTILITARIOS

Vimes, juncos, mintes e palmito

Rua 14 N.º 124 1252 Tel 920361
— ESPINHO —

Mourão

Rua 25 n.º 364 - Telef. 920465
ESPINHO

Calçado, Camisas, Cartelas, Chapaus, Gabardinas, Gravatas, Guarda-chuvas, Malhas, etc.

Conserta-se toda a qualidade de Guarda-Solas

OS MELHORES PREÇOS

Hotel «MAR AZUL»

excelentes instalações e tratamento
Avenida 8 — Telef. 920824

Restaurante e Cervejaria Aquário

Rua 19 n.º 25 — Telef. 920377

VAGO

Casa Padrão DE

Francisco Fernandes Padrão
Rua 19 681 - Telefone 920168

Agente das Tintas Plásticas e dos esmaltes Percon

Artigos de picheleiro, bombas, torneiras, louças sanitárias, montagens de quarto de banho, etc.

Est.ª, Valente & C.ª, L.ª

FÁBRICA A VAPOR DE SERRAÇÃO E CAIXOTARIA

Especialidades em caixas «APLAINAD» e «MARCADAS» para embalagens de fígado.

Tel. 920028-Teleg. ESTIVALENTE
— ESPINHO —

PADARIA CENTRAL

Sociedade Industrial de Padarias de Espinho, L.ª

Especialidade em pão sem fermento artificial — pão sistema espanhol, torta azeda e biscoito tipo «Valongo». Fabrico esmerado pelos mais modernos e higiénicos processos. A padaria mais higiénica de Espinho. As melhores instalações no género no norte do País.

Ang. das Ruas 14 e 23 Tel. 920135

Padaria Ferreira

M. Nunes da Silva & C.ª

Pão de todas as qualidades fabricado pelos processos técnicos e higiénicos mais modernos

Todos os dias as deliciosas «Vimas d'Austria»

Sede: Rua 19 145 PII - Rua 62 601
ESPINHO

DEFESA DE ESPINHO

Nova Tabela de preços das assinaturas anuais:

Portugal Continental e Ilhas Adjacentes	60\$00
Provincias Ultramarinas, Brasil e Espan.ª (via marít.)	100\$00
França, Canadá, República do Congo (via marítima)	120\$00
Venezuela e U. S. A. (via marítima)	150\$00
Ilhas Adjacentes (via aérea)	100\$00
Provincias Ultramarinas (via aérea)	230\$00
Venezuela, Brasil e U. S. A. (via aérea)	290\$00

A cobrança pelo correio é acrescida das respectivas despesas
NÚMERO AVULSO 1\$50